

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA ITALIANO, LADO B
5 de julho de 2021

DONATELLA / 1956
(Donatella)

Um filme de Mario Monicelli

Realização: Mario Monicelli / Argumento: Mario Monicelli, Piero Tellini, Roberto Amoroso, Sandro Continenza e Ruggero Maccari, baseado numa história de Mario Rappini e V. André / Direcção de Fotografia: Tonino Delli Colli / Direcção Artística: Vittorio Valentini e Piero Gherardi / Música: Gino Filippini e Xavier Cugat / Som: Bruno Brunacci e Raffaele Del Monte / Montagem: Antonietta Zita / Interpretação: Elsa Martinelli (Donatella), Gabriele Ferzetti (Maurizio), Walter Chiari (Guido), Aldo Fabrizi (Augusto, pai de Donatella), Virgilio Rienti (Nicola, tio de Donatella), Giovanna Palla (Maria Laura), Giuseppe Porelli (Pasquale), Catherine Williams (a americana), Liliana Bonfatti, Alan Furlan, Xavier Cugat, Abbe Lane, etc.

Produção: Sud Film / Produtor: Roberto Amoroso / Cópia: 35mm, cor, falada em italiano com legendagem eletrónica em português / Duração: 95 minutos / Estreia em Portugal: 29 de outubro de 1957 / Primeira apresentação na Cinemateca.

Donatella, Cinderela, nomes que rimam e não por acaso, pois certamente o quinteto de argumentistas (mais os dois autores da história original, cf. ficha técnica acima) estaria a pensar na figura criada por Perrault quando pôs mãos à obra desta variação suavemente realista, adaptada à Roma “moderna” de dez anos depois do fim da II Guerra, da história da rapariga que em Portugal conhecemos também como “gata borralheira”. Que de “borralheira”, tal como Monicella a encena e Elsa Martinelli a encarna, terá pouco: **Donatella** não é um filme de extremos, nem sequer terá já muito a ver, enquanto retrato “social”, com o neo-realismo nos seus trâmites mais exacerbados. Desde o princípio que Donatella é apresentada como uma rapariga “normal” da Roma dos anos 50, “pobre” mas não miserável, em circunstâncias equivalentes às de muitas outras raparigas “normais” da capital italiana. A frase-chave dessa apresentação – dita pela voz off enquanto vemos imagens de Roma e de Martinelli passeando-se pelas ruas romanas – é aquela observação sobre como “é difícil ser pobre e honesto nos dias de hoje”. Hoje, a frase talvez não passasse no crivo das brigadas da indignação permanente (“o quê? Está a dizer que os pobres têm tendência para a desonestidade? Que só os ricos é que não roubam, é?” - imaginamos a fúria entre os virtuosamente censórios utilizadores das “redes sociais”), mas é evidente que a narração não está a fazer nenhum juízo de carácter sobre “os pobres”, apenas e justamente a proferir um comentário severíssimo sobre as desigualdades na sociedade italiana, e sobre os entraves à “mobilidade social”. Que são, de certa forma, se não o tema, o âmbito em que **Donatella** se desenvolve.

Tema, ou âmbito, tratado de maneira perfeitamente condicente com uma fábula. **Donatella** é um filme ligeiro, tão ligeiro como aquelas canções de Xavier Cugat que as personagens vão ouvir ao “nightclub”, e mais do que ligeiro, amável, retrato de um mundo onde não há verdadeiramente gente má, e até os ricos têm coração. Está a milhas da ferocidade, por vezes sarcástica, que nos habituámos a associar a Mario Monicelli e fez dele um dos principais vultos da “commedia all'italiana”, e é também um filme muito diferente do burlesco anárquico por que ele era sobretudo conhecido em 1956 – toda a série de filmes com Totò, colaboração a que ainda faltava juntar um dos seus pontos altos, **I Soliti Ignoti**, que estrearia dois anos depois.

Quem chega a **Donatella** com a expectativa de encontrar Monicelli “puro” terá, por isso, razões para sentir um leve desapontamento. Mas que não seja, esse leve desapontamento, um motivo de desânimo. Há bastante para apreciar em **Donatella** – e algumas coisas têm puramente a ver com “mise en scène”, tratamento dos espaços: reparar, por exemplo, na forma como é tratada a “casa dos ricos” (onde as personagens parecem ficar a “nadar” nos enquadramentos amplos das amplas divisões da casa), e o contraste que isso estabelece com a “casa dos pobres” (onde pontifica o grande Aldo Fabrizi, na pele do pai de Donatella), dada em enquadramentos apertados e onde só não se sufoca porque há uma janela aberta para os horizontes de Roma (em compensação, na “casa dos ricos” praticamente não há, ou não há de todo, janelas ou vistas). Outras têm que ver com o aproveitamento da cidade, os muitos planos do centro de Roma, do Coliseu às imediações do Vaticano, belissimamente captados pela câmara do excelente operador que foi Tonino Delli Colli, em cores de bilhete postal “vintage” muito bem restituídas pela óptima cópia que vamos exhibir. Não é mero decorativismo, visto que várias das cenas cruciais (o final, por exemplo, com o reencontro de Donatella e Maurizio, mais a “resignação” de Guido) decorrem nesses cenários exteriores, implantando a acção e as personagens bem no coração do quotidiano romano. Finalmente, as insuperáveis graça e delicadeza de praticamente todos os actores, a começar por Martinelli, perfeita a encarnar a relativa banalidade de uma rapariga “sem nada de especial”, por certo equivalente a milhares de raparigas da Roma real daquela época, com uma espécie de timidez que está a milhas da extroversão que, meia dúzia de anos mais tarde, Howard Hawks tiraria dela em **Hatari!**.

Luís Miguel Oliveira